

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR VALE DO JURUENA - AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - ISE
PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO ESCOLAR**

9,0

**O GESTOR EDUCACIONAL E AGRESSIVIDADE INFANTIL NO AMBIENTE
ESCOLAR**

MARIA ROSELI PEIXOTO AMARAL

ORIENTADOR: ILSO FERNANDES DO CARMO

COLORADO DO OESTE/2007

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR VALE DO JURUENA - AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - ISE
PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO ESCOLAR**

**O GESTOR EDUCACIONAL E AGRESSIVIDADE INFANTIL NO AMBIENTE
ESCOLAR**

MARIA ROSELI PEIXOTO AMARAL

ORIENTADOR: ILSO FERNANDES DO CARMO

“Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Especialização em Gestão, Supervisão e Orientação Escolar”.

COLORADO DO OESTE/2007

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR VALE DO JURUENA - AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - ISE
PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO ESCOLAR**

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR



DEDICATÓRIA

Aos profissionais comprometidos com a educação, que continuamente, procuram desempenhar melhor o seu trabalho, zelando pelo bom relacionamento e a harmonia do ambiente escolar. Em especial, a minha sogra Noemi, pela paciência, tolerância e dedicação, na minha ausência sabendo compartilhar momentos de alegrias com serenidade e sabedoria.



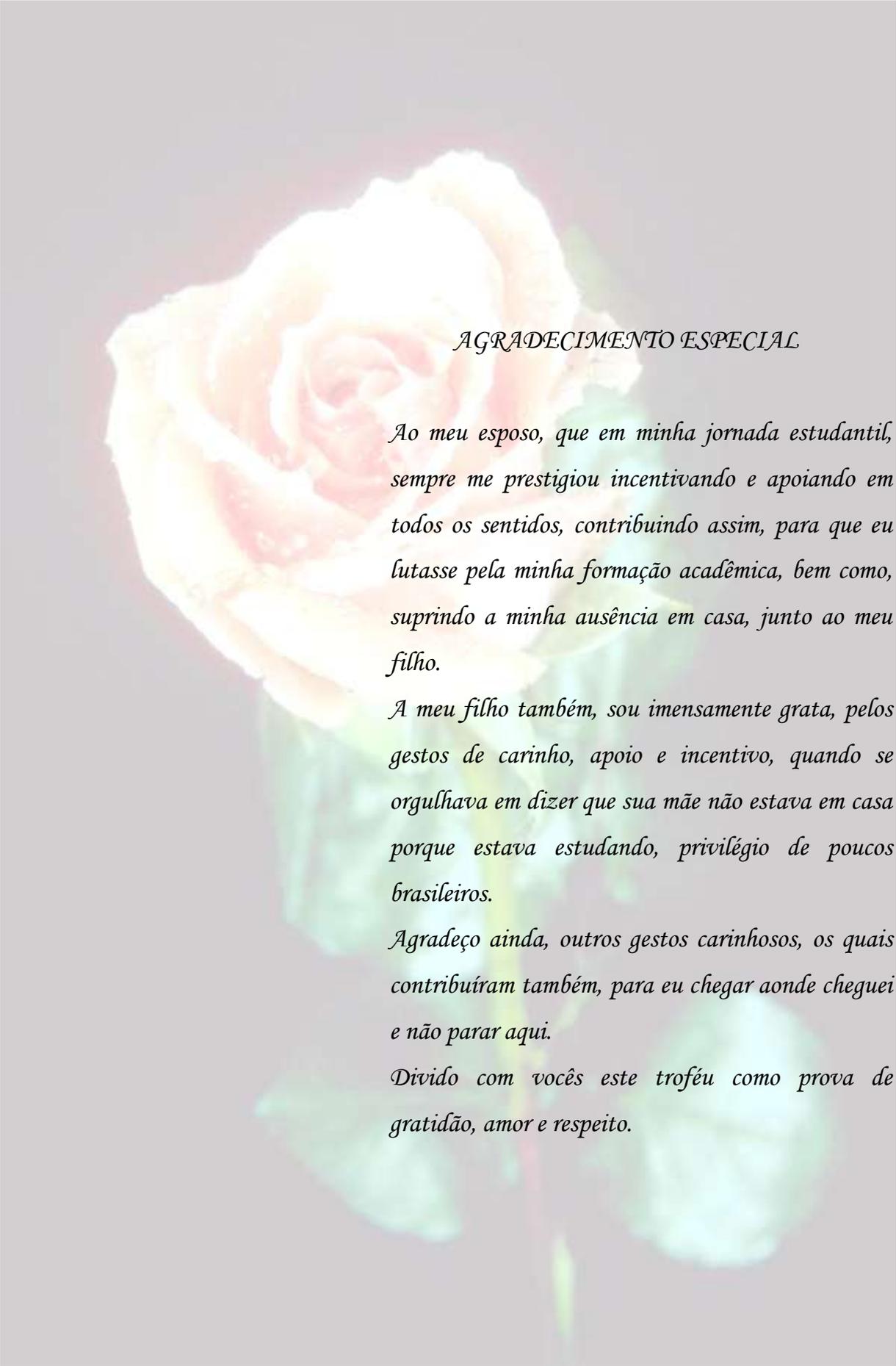
AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, especialmente, pelo equilíbrio emocional, pela oportunidade, determinação, persistência, coragem e pela vitória em levar este estudo até o fim, enquanto outros desistiram.

Ao meu “anjo da guarda”, pelo cuidado dispensado, nas viagens diárias e durante a longa trajetória.

Agradeço aos mestres que me ajudaram na construção dos meus ideais, e me incentivaram na busca plena da minha realização.

Agradeço também a valiosa colaboração das colegas Silvana, Viviane e Elaine, companheiras de todas as horas, que me deram forças e me ajudaram a prosseguir na caminhada, mesmo em momentos difíceis. Com vocês divido o mérito desta conquista.



AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao meu esposo, que em minha jornada estudantil, sempre me prestigiou incentivando e apoiando em todos os sentidos, contribuindo assim, para que eu lutasse pela minha formação acadêmica, bem como, suprindo a minha ausência em casa, junto ao meu filho.

A meu filho também, sou imensamente grata, pelos gestos de carinho, apoio e incentivo, quando se orgulhava em dizer que sua mãe não estava em casa porque estava estudando, privilégio de poucos brasileiros.

Agradeço ainda, outros gestos carinhosos, os quais contribuíram também, para eu chegar aonde cheguei e não parar aqui.

Divido com vocês este troféu como prova de gratidão, amor e respeito.



“Não podemos esperar que as novas gerações modifiquem o que está errado se não despertarmos para o fato de que cabe a nós, desde já, dar o exemplo. Para isso, nossos pensamentos e ações devem ser um misto de altruísmo, capacidade de doação e amor ao próximo”.

Gabriel Chalita

RESUMO

Esta monografia é mais um resultado das preocupações que, como gestores e educadores se tem, em proporcionar aos alunos, uma educação integral, verdadeira, num ambiente calmo, acolhedor, alegre e descontraído, sem agressividade e sem violência. Objetiva levantar questões que contribuam para uma reflexão sobre o fenômeno atual: comportamento agressivo de alunos da educação infantil. Para o propósito deste estudo, além dos quadros que se tem observado em sala de aula, contendo comportamentos indicadores de agressividade, que por vezes, não se manifesta, mas está oculta, sutil e por isso mais cruel. Para a realização do trabalho apresentado, foram consultados e analisados vários autores. É um resultado, que espera - se, proporcione suporte teórico para a elaboração de novos estudos. O assunto é atual e muito polêmico e representa uma ameaça a princípios internacionalmente, reconhecidos sobre a educação. Abalam diretamente os quatro pilares do conhecimento, conhecimentos esses, que foram reconhecidos pela Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser. Isto representa um prejuízo muito grande para a educação, não apenas às gerações presentes, mas também, às gerações futuras, tendo em vista o poder propagador da educação. Partimos do pressuposto de que se a escola é lugar de formação e informação da criança, ímpeto de agressividade, representaria, em si, um elemento que demanda atenção especial no processo de atualização. Portanto, este tema visa minimizar fontes de agressividade na educação infantil, bem como, inibir a sua propagação no

ambiente escolar. Contudo, seja a violência propriamente dita, seja quanto aos atos e atitudes agressivas, este estudo propõe compreender e se possível, explicar as causas e motivos, que levam crianças ainda em seus primeiros anos de vida, revelar comportamento agressivo com seus colegas, professores e gestores escolares. Portanto, propõe-se uma reversão, nesse tenebroso quadro. Propõe-se sugestões úteis e práticas para atenuar as atitudes agressivas. Propõe-se uma mudança na educação infantil. A começar pelo gestor escolar, peça fundamental para a concretização desta mudança.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - A AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL, SUAS CAUSAS E MANIFESTAÇÕES..NO AMBIENTE ESCOLAR.....	13
CAPÍTULO II - ALGUNS FATORES QUE INFLUENCIAM AS AÇÕES E ATITUDES AGRESSIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	20
CAPÍTULO III - A CONTRIBUIÇÃO DOS PAIS, GESTORES E PROFESSORES PARA A MUDANÇA DE POSTURA DOS ALUNOS AGRESSIVOS NO AMBIENTE ESCOLAR.....	33
CAPÍTULO IV - PESQUISA DE CAMPO – ANÁLISE DOS DADOS.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49
ANEXOS.....	53

INTRODUÇÃO

O interesse em desenvolver um trabalho relacionado ao comportamento agressivo de crianças na educação infantil, surge no início da carreira estudantil acadêmica, por ocasião do estágio supervisionado, onde se pode vivenciar freqüentes situações em que alunos calmos, tranqüilos e prestativos, mudavam completamente o comportamento, passando a ter atitudes agressivas, ameaçadoras e até assustadoras. Esses incidentes lembram o passado, quando vivenciava-se cenas familiares em que os pais, usavam atos agressivos para a disciplina dos filhos.

Essa reflexão contribuiu também para despertar o desejo de descobrir as causas e os motivos que levam até mesmo, crianças pequenas, iniciando os primeiros contatos com a escola, a agirem agressivamente, sem uma razão aparente ou necessária. Questiona-se a forma como se comportavam e também como eram tratadas essas crianças. Às vezes, os gestos agressivos eram revidados, gerando um desgaste emocional que na maioria das vezes, expulsava o aluno da sala de aula ou eram adotadas posturas extremas do tipo: “ou ele ou eu”, quando levados à direção da escola para as devidas providências. Sem falar no clima tenso e angustiante que dominam e contagiam os demais alunos na sala de aula, bem como, no ambiente escola

Esta monografia tem como objetivo, identificar as possíveis causas e motivos destas reações agressivas, bem como, encontrar sugestões úteis e satisfatórias para minimizar, inibir ou até mesmo erradicar essa prática constante nas escolas, pois o convívio dos gestores e professores com situações agressivas vêm fazendo parte do cotidiano escolar.

Escola alguma está isenta destas situações, pois alunos, professores e gestores estão inseridos nela, e vêm de uma sociedade violenta, corrupta e insegura e a escola fica exposta e sofre as conseqüências, tornando-se difícil e complicado o convívio escolar. É uma realidade intransferível, uma tarefa interminável, mas não impossível.

A postura agressiva vai muito além da realidade escolar. É um tema que provoca preocupações constantes das autoridades políticas e religiosas, gestores, educadores, pais e pessoas responsáveis e comprometidas com o bem estar da sociedade, devido ao alto índice de violência e agressividade que se constata no ambiente escolar infantil.

Esta monografia foi realizada, após muita leitura, reflexão, estudos, discussão entre colegas, pesquisas de campo, tomadas de opinião, observação e experiências vividas em sala de aula, e destina-se a trazer informações e conteúdos que auxiliem a equipe escolar na mudança dessa imagem: escola, local inseguro, devido a qual, muitos pais estão receosos em deixar seus filhos por muito tempo.

Espelhando tal realidade, a presente monografia poderá colaborar para a educação infantil, no sentido de fornecer subsídios quanto a uma proposta de educação mais humana e social. É nessa perspectiva que este trabalho faz propostas que se estendem aos futuros gestores e educadores, compromissados com a formação integral do educando. Acredita-se que a elaboração desta monografia será útil e proveitosa, como veículo de reflexão, conhecimento e sugestão, dirigidos aos profissionais da educação infantil.

Torna-se oportuno enfatizar que no primeiro capítulo procura-se apresentar o referencial teórico: A Agressividade na Educação Infantil, Suas Causas e Manifestações no Ambiente Escolar.

No segundo capítulo, considera-se como relevante, conhecer, analisar e levantar: Fatores que Influenciam as Ações e Atitudes Agressivas na Educação Infantil. No terceiro capítulo, abordamos: A Contribuição dos Pais, Gestores e Professores na Mudança de Postura de Alunos Agressivos no Ambiente Escolar.

O quarto capítulo, aborda a pesquisa de campo, fator necessário para suporte e execução desta tarefa.

A intenção é que este trabalho sirva também, como referencial auxiliar aos gestores e educadores, no sentido de ajudar a inibir, amenizar ou evitar comportamentos agressivos entre alunos e professores, em especial na educação infantil, crianças que necessitam de uma atenção especial.

Não esquecendo, porém, de que, como diz Cury (2003:39): “*Bons professores possuem metodologia, professores fascinantes possuem sensibilidade*”.

CAPÍTULO I

AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL, SUAS CAUSAS E MANIFESTAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR

O Brasil enfrenta sérios problemas educacionais que gradativamente se agravaram nas últimas décadas, revelando entraves estruturais de uma sociedade marcada por intensas desigualdades culturais, sociais e econômicas.

Na sociedade brasileira, os índices de agressividade/violência cresceram assustadoramente nos últimos vinte anos, tornando-se alvo de preocupação constante de governantes, gestores, educadores e pais.

Há inúmeros fatos que contribuem para o aumento crescente desta escalada, sendo os principais responsáveis: a pobreza, má distribuição de renda, desemprego, aumento do comércio das drogas, descrença na justiça, falta de objetivos de vida, ineficiência na educação familiar, corrupção entre representantes do povo e muitos outros que atingem as famílias. Isso tudo somado, provoca nas crianças uma carga emocional insuportável, cuja válvula de escape é uma sociedade minada de exigências e contradições, onde há necessidade urgente de auto-afirmação. Se vêem num ambiente em que “ser educado” é sinônimo de “ser bobo,” restando-lhes assumirem comportamentos agressivos para serem aceitos no grupo.

Esta observação e análise é um processo realizado ao longo do percurso da escalada acadêmica, e embora se tenha pouca experiência na área de educação infantil, sempre houve a preocupação, o desejo e a disposição de ajudar esses pequenos seres indefesos que ao mesmo tempo em que se tornam hostis, demonstram medo, angústia, e silenciosamente, pedem socorro.

Deseja-se encontrar outra forma de olhar para um fenômeno socialmente aceito como comum e corriqueiro na realidade escolar infantil. Um método de investigação que permita identificar e tornar visíveis e manifestos, os comportamentos e atos agressivos de alunos no ambiente escolar, ainda que tais atitudes e gestos, não sejam percebidos como violentos.

A escola procura cumprir seu papel e embora timidamente, tenha conseguido alguns avanços, continua realizando ações educativas, incapazes de evitar comportamentos agressivos e romper com a produção impetuosa da violência na esfera escolar. Segundo Franco (2000):

“A infância deveria ser etapa mais feliz e segura... Entretanto, nem sempre é assim. Muitos se situam, desde cedo, em lares desestruturados, pais violentos e ausentes, mães descuidadas, num ambiente social hostil, inseguro e insólito. (p. 12).

Muitas vezes, não são aceitos pelos pais, professores e gestores, os comportamentos agressivos, que algumas crianças têm demonstrado na educação infantil. Pois, tais situações constrangedoras, têm deixado os profissionais da educação, preocupados em como enfrentar e resolver esse impasse.

Segundo o autor Alan Traim:

“... Se você for pai ou mãe de uma criança muito agressiva, ou se for professor ou outro profissional que trabalha com crianças na pré-escola, alguém que tem de lidar com crises de birra extremamente sérias, você terá vivenciado sentimentos de desnorreamento e confusão, comuns a todos nós, quando nos defrontamos com um pequeno ser humano que está além de nosso controle. A maioria de nós se sente totalmente perdida quando uma criança capaz de cooperar, ser carinhosa e feliz, muda repentinamente, transformando-se em uma ameaça imprevisível e assustadora (...) Neste estado de confusão, dizemos e fazemos coisas das quais nos arrependemos depois”. (TRAIM, 2001:11)

Constata-se que vários autores, sentem dificuldades para definir agressividade e violência. É difícil delimitar e ordenar, pois a ação que são caracterizadas como violência, abrange uma escala grande de comportamentos agressivos. Neste aspecto Lucinda afirma:

“Desta forma, dividem-se as fronteiras que permitiriam distinguir uma situação de violência de outras não incluídas na mesma categorização, apesar de se reconhecer a existência de elementos comuns entre ambos”. (LUCINDA 2001: 18).

Dois tipos de agressividades estão presentes no relacionamento entre alunos da educação Infantil, os quais preocupam os profissionais de educação, pais e governo:

“Agressividade instrumental é um comportamento agressivo dirigido para uma meta, tal como adquirir um brinquedo ou outro objeto desejável. Agressividade hostil é uma ação destinada a prejudicar outra pessoa, fisicamente (bater, chutar) ou verbalmente (fazer provocações, xingar ou expressar desaprovação)”. (FESHBACH, 2001:420).

Na educação infantil, as atitudes agressivas entre alunos, têm mais probabilidade de serem hostis que instrumentais, sendo que a agressividade verbal acentua-se durante a pré-escola.

Para que se possa abordar com maior probabilidade este assunto, faz-se necessário consultar o dicionário, para a definição exata do significado das palavras, em pauta - agressão e violência.

Entende-se que agressão é: *“ato ou efeito”. de agredir, necessidade de assaltar, injuriar os outros, de menosprezar, ofender ou ridicularizar”* (DORIN, 1981:143) e de acordo com o autor encontramos a palavra violência, assim definida: *“qualidade de violento; ato violento; ato de violentar, constrangimento físico ou moral; uso da força, coação”.*

Portanto, considerando que *“nesta perspectiva, a violência está atrelada ao uso da força no plano físico e moral (...) A caracterização da violência ultrapassa o limite da agressão física admitindo uma violência de caráter psicológico e moral”.* (LUCINDA 2001:18).

Percebe-se nestas duas definições, diferentes enfoques. No primeiro a distinção vai além da agressão física, admitindo uma agressão de caráter psicológico e moral, ao passo que no segundo, a ênfase recai exatamente no aspecto que se relaciona ao dano físico, ao uso da força no sentido de prejuízo físico. *“Violência é o emprego desejado de agressividade com fins destrutivos”* (ABRAMOVY ,2003:75).

A definição de agressividade confunde-se com violência e indisciplina. Vale ressaltar que vários outros autores não chegaram a um denominador comum.

“Ela pode ser verbal: ataca por meio de palavras, e física: envolve o ataque físico (...) Todos os seres humanos (e inclusive os animais) têm um impulso

agressivo. É um comportamento emocional, portanto, é algo natural.” (CORSINI, 2000:01-03).

Mesmo que se queira encontrar uma definição exata para agressividade não se chega perto da definição real, pois frente à agressividade há uma variação de sociedade e cultura, pois cada um tem suas leis, valores, costumes e crenças.

Alguns comportamentos são aceitos, tolerados ou proibidos. Muitas vezes uma atitude é bem aceita e natural para alguns, mas para outros é ruim. Mas afinal, o que é ser agressivo? É agressivo porque foi criado assim? Ou nasceu assim? Sempre foi uma criança difícil? Era diferente das demais crianças da família? Foi sempre assim? Questões como estas têm sido levantadas e debatidas por pessoas importantes e cultas, durante os últimos cem anos. Cada um encontra uma explicação para cada situação.

A agressividade é natural ao homem, pois como nos ensina Traim:

“(...) Se nascêssemos sem agressividade, seríamos incapazes de sobreviver durante os primeiros estágios da vida e, posteriormente não poderíamos progredir em nosso desenvolvimento (...) A agressividade não é uma reação àquilo que ocorre em torno da pessoa, e sim, um impulso inato e incontrolável. Os seres humanos nascem com um instinto agressivo”. (TRAIM, 2001: 16)

Alguns pesquisadores hoje, acreditam também, como os teóricos do passado que várias áreas do cérebro controlam impulsos como a agressividade. Nas sociedades ocidentais, muito competitivas, a agressividade costuma ser aceita e muitas vezes estimulada quando pode servir como sinônimo de incentivo, ambição, decisão ou coragem.

Não raro, presenciavam-se nas escolas, aplausos ao agressor por seu ato de “bravura”. Mas, então, o que é agressividade?

CORSINI nos responde:

“Seria qualquer ação que pretende danificar algo ou alguém. Geralmente, estes atos agressivos não são a verdadeira expressão de raiva, mas sim, desvios de outros sentimentos (como mágoa, insegurança, etc.) que devido ao fato de criança não saber como lidar com eles expressa-os através de atos agressivos” (CORSINI, 2000:01).

Alguns autores pesquisados, acreditam que a agressividade não é traço de personalidade. Que não há crianças agressivas, mas sim crianças que

cometem atos agressivos e, portanto, o correto é dizer que a criança está agressiva naquele momento que ela enfrenta alguma dificuldade, mas pode agravar-se com o tempo.

Violência é um assunto presente, real e polêmico, vivido pela sociedade atualmente. Uma palavra temida por todos, que se tornou notícia, transmitida diariamente pela mídia e que roubou a paz da humanidade e se aninha comodamente nas salas de aula. Como pensar a violência, agressividade e indisciplina escolar, se a educação tem como finalidade preparar o homem para a vida?

Esta é a realidade da maioria das escolas públicas do país. *“A escola é a todo o momento, acusada como responsável pela indisciplina, mau comportamento e insucesso escolar”*. (PORTAS, 2002:01). Como acusar a escola, se toda criança já vem para a escola com sua mente formada, cheia de hábitos e costumes, muitas vezes perniciosos?

Como se vê, uma criança não agressiva pode tornar-se agressiva. Mas, a realidade é que ela já chega à escola, tensa e irritada.

Segundo Corsini, a criança é influenciada pelo meio ambiente em que vive. *“Dentre os fatores que influenciam a agressividade de uma criança, encontra-se o meio ambiente no qual ela está inserida”*. (CORSINI, 2000:02).

Segundo Machado, (Revista Nova Escola, 1986:25). psicóloga,

“A primeira coisa que precisamos ter em mente é que enquanto comportamento, a agressividade nada é. E também não pode ser interpretada, a não ser que se transforme em discussão, em linguagem”.

Uma atitude agressiva pode ser tudo, na verdade: uma tomada de posição, uma marcação de limites, um gesto de auto-afirmação, uma recusa a aceitar a autoridade e até um grito de socorro.

Para se saber o que está sendo dito por trás de um ato agressivo, para se entender o que ele realmente simboliza, precisa-se escutar o inconsciente. Descobrir o que está ali, armando relações, mas escondido, oprimido, negado, e que por isso sai no chute, na explosão, no tapa e no soco. Pois não está conseguindo falar. Sobre isto,

CAMPOS, 2004:50). Afirma:

“O termo violência/agressão traz consigo certa energia que mexe com o nosso inconsciente. Só escutar ou mesmo ler a palavra, já faz nosso coração disparar. É como se estivéssemos nos preparando para lutar, fugir ou ficar imobilizados.”

Uma sala em que comportamentos agressivos são visíveis, e aterrorizantes, em que crianças pequenas deixam de ser meras espectadoras para vivenciarem fatos que as deixarão atemorizadas e sem ação. Na maioria das vezes, também o professor fica inerte, diante dos fatos, sem condições emocionais ou mesmo sem o devido preparo para enfrentar tais situações.

Etimologicamente, a palavra “agressão”, pode ser definida como: arte de atacar ou enfrentar, o que se opõe a evitar o combate ou fugir.

KNOBEL 1977, assim se expressa:

“Considerada pela psicanálise como instintiva, contribui, sem dúvidas, para vencer a inércia, sendo uma força vitalizadora, quando bem utilizada. A determinação, o empenho e a força para conquistar algo, incluem sempre uma boa dose de agressividade. Portanto, nem toda agressividade é sinônimo de violência e destrutividade”. (KNOBEL, 1977).

Comentando a respeito disso, Aberastury (1988:106) diz que “a agressividade na educação infantil é uma resposta à violência institucionalizada das forças de ordem familiar e social” Segundo ela, “a criança em desenvolvimento e em busca de idéias e de figuras de identificação, encontra-se com violência e o poder, passando também a utilizá-los”. (1988:79).

Considera também a agressividade infantil um sintoma de deterioração da sociedade e de seus princípios e valores e concorda com o filósofo Marcuse, que afirmava “...Se forem violentos é porque estão desesperados”. (ABERASTURY E KNOBEL, 1988: 85). Assim sendo, o aumento da violência em nossos dias, não significa que a agressividade natural do homem tenha piorado.

Vale ressaltar o que é disciplina, segundo BERGER Peter, (1985:123)

“(...) o termo disciplina tem um significado especial, que corresponde ao conjunto de práticas que uma pessoa adota em sua vida e com o qual, orienta-se de modo a construir o seu acervo de experiências e competências, que lhe permitem levar a vida de modo mais efetivo.”

Segundo SENGE (1995 : 39):

“(...) muitas crianças intuitivamente e inconscientemente, vão criando formas de resistência ao processo de aculturação imposto pela escola, que lhes faz perder a sua identidade cultural própria. A resistência se pode identificar na indisciplina, no desinteresse, na agressividade, tão conhecidos dos professores”.

A (in) disciplina, concepção bancária muito criticada por Freire, e citada por Rebelo, “*tem a função de transmitir ao aluno, de forma mecânica, conhecimentos historicamente, construídos pelo professor que ocupa posição superior em relação ao aluno, que espera passivamente, receber todos os ensinamentos*”. (REBELO, 2003:47). Presente ainda em nossos dias, a indisciplina na escola tem contribuído para o agravamento da agressividade escolar.

CAPÍTULO II

ALGUNS FATORES QUE INFLUENCIAM AS AÇÕES E ATITUDES AGRESSIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Geralmente, acredita-se que a agressividade provém apenas de força interna, que é algo inerente ao indivíduo. Ao contrário, é o ambiente que perturba a criança. O que falta internamente à criança é a capacidade e a habilidade para lidar com esse ambiente que a deixa com raiva, com medo, insegura e agressiva.

Acontece que, antes da criança receber a influência do meio social, primeiramente, é influenciada pela sua família. Somente depois é que ele vai assimilando aos poucos os valores da sociedade e dos meios de comunicação. *“Todos somos produtos do meio em que estamos inseridos, assim, a família é um dos fatores mais importantes na formação de base dos nossos alunos”*. (ANTUNES, 2002:01).

Muitos acreditam que a criança reflete o meio em que vive ou estuda. Família desajustada, pais desempregados, ausentes, bairro violento e muito pobre, escola depredada.

Alguns teóricos dizem que a criança é o que é. Ela é aquilo que vive. *“As nossas atitudes são produto de um longo processo de formação de hábitos”*. (DORIN, 1981:156). Sabe-se que a pressão do ambiente em que se vive, contribui para a formação de hábitos e atitudes. Acontece que muitos não toleram frustrações e, se tornam agressivos.

É importante saber, que o homem vive num meio que ele modifica ao mesmo tempo em que se modifica nele. *“O comportamento se explica como*

resultante de valores provenientes tanto da personalidade, como do meio, num processo de interação dinâmica". (DÓRIA, 1962:67).

TRAIM, em seus argumentos questionava que: "(...) *Embora as decisões que tomamos na vida sejam baseadas no que vivenciamos, há outro fator envolvido*". (TRAIM, 2001:14). Às vezes acontece que, em uma família tem crianças bem ajustadas emocionalmente, e somente uma delas é difícil de se lidar. Apesar de terem a mesma vida familiar, essa criança pode ser totalmente diferente. Sabe-se que uma criança vivencia condições diferentes. No mesmo tipo de vida, tem comportamento diferenciado das demais.

O próprio autor afirma que as diferenças marcantes, das quais ele fala, não podem ser explicadas totalmente. Portanto, não há regra sem exceção.

Uma criança é agressiva porque ela nasceu assim? Ou porque foi difícil desde o seu nascimento? Reagia diferente das outras crianças da família? Ou sempre foi agressiva? Será que ela é agressiva pela maneira que foi criada? Para que essas questões sejam bem definidas, é tarefa do(a) educador(a) entender a agressividade para depois trabalhar com ela.

Realizar estudo de pesquisa sobre a vida da criança, conhecer a família do aluno que apresenta tal problema; conhecer o histórico de sua vida, desde o nascimento e como vive hoje, são providências imediatas, as quais, poderão ajudá-lo(a) a desvendar todo o mistério. É difícil, mas é uma forma eficiente para ajudar na elaboração de estratégias de ações que auxiliarão esse aluno em apuros. "*A escola é a instituição encarregada de guiar o desenvolvimento físico e mental das crianças e de tratar daqueles que têm um desenvolvimento anormal*". (DORIN, 1981:97). Isto significa que o professor deverá conhecer seus alunos, lançando mão de vários meios para obter informações precisas sobre a personalidade e a história do educando.

Há um grupo de especialistas que acreditam que todas as ações são determinadas pela experiência de vida. "*A criança agressiva é agressiva por causa de sua experiência de vida e de sua criação*". (TRAIM, 2001:17).

Outros especialistas analisados, acreditam que o caráter de uma pessoa é a combinação de sua personalidade e de sua experiência com o mundo em que vive.

O mesmo autor afirma que:

“Existem uma tendência inata para o amor e uma tendência para a destruição. (...) Tais tendências ou impulsos variam entre uma criança e outra. No entanto, desde o início da vida, a criança também interage com o mundo ao seu redor”. (TRAIM, 2001:18).

Com base em fatos reais e vivenciados, afirma-se, que hoje mais do que nunca, a escola e a família, devem caminhar juntas, durante todo o processo de formação e aprendizagem da criança e devido essa interação, os pais precisam ter coerência ao escolherem uma escola para o filho, de acordo com seus valores, propósitos e princípios e agir em busca de uma educação de qualidade. Nesta ótica, Vigotsky explica:

“Durante a primeira fase a criança começa a se distanciar de seu primeiro meio social representado pela mãe, começa a falar, andar e movimentar-se em volta das coisas. Nesta fase, o ambiente a alcança por meio do adulto e pode-se dizer que a fase estende-se até em torno dos sete anos”. (VIGOSTSKY, 1989:59).

É no lar, a primeira escola da criança. Com seus pais como primeiros professores, aprenderá as lições que devem norteá-la por toda a vida. Lições de respeito, obediência, reverência, equilíbrio, formação do caráter, valores éticos e morais.

“É no lar que a educação deve iniciar-se”. (WHITE, 1975:95). É nos braços dos pais que a criança recebe suas primeiras lições de vida. Primeiro, ela deve ser muito amada pelos pais. O amor, o carinho e a atenção devem partir da família para que este ser frágil se sinta compreendido e valorizado. Já vimos que ela só pode dar o que recebe.

“Cada ato da vida, por menor que seja, tem sua influência na formação do caráter. Um bom caráter é mais precioso que riquezas, e o trabalho de formá-lo é o mais nobre, no qual se possam empenhar os homens”. (WHITE, 1975: 545). A formação do caráter nos primeiros anos de vida merece uma atenção maior do que os anos que se seguirão. Para tanto, cabe aos pais a árdua, mas nobre e gratificante tarefa de edificar, polir, alicerçar e aperfeiçoar o caráter da criança. Sabe-se, no entanto, que é difícil e nem sempre acontece.

“A formação do caráter é o trabalho mais importante que já foi confiado a seres humanos”. (WHITE, 1975:169). Nenhuma criança se educa bem, fora dos requisitos mínimos de uma casa que se propõe ser lar. Tem-se convicção de que este é um fator importantíssimo na vida da criança.

“Nenhuma instituição substitui a família (...) E a criança reclama muito afeto, segurança, condições para brincar, padrões morais, regras, normas e limites que lhe sirvam de exemplos vivos, num lar que não seja reflexo da cultura dominante”. (DÓRIA, 1962:67).

Portanto, deve-se resgatar a família de seu estágio de deterioração que já não tem clareza de seu verdadeiro papel na educação doméstica. Cujos filhos, não identificam mais seu lugar na família.

Nesta ordem SOMETTI, 1995 confirma:

“Nós, pais e educadores devemos começar pelas pequenas coisas enquanto os filhos ainda são pequenos. Antes de tudo, devemos afastar a idéia de que as crianças precisam ter certa idade para que se estabeleçam limites. Por trás destas idéias, está um grande erro de percepção psicológica de se acreditar que as crianças ‘não entendem’ e que é necessário satisfazer todos os seus caprichos para torna-los felizes e não prejudica-los”. (SOMETTI, 1995:59).

Tendo como alicerce essas pesquisas científicas, pode-se enfatizar que a criança chega à escola com seu caráter já formado. Talvez uma criança rebelde, teimosa, desobediente, indisciplinada ou agressiva. Os pais trazem-na para ser educada para a vida. Não sabem ou até não querem saber, se a criança já vem para a escola com uma bagagem cheia de princípios, idéias, costumes e hábitos, já formados ou não, trazidos do meio em que estava inserida. Agora ela está ali para ser educada e pronto. Esse legado é transferido para a escola, que assume esse papel. Daí a necessidade da estruturação familiar, pois é ali que seu caráter é construído. A escola aperfeiçoa, apara as arestas, mas não muda.

“Provavelmente, é a família a instituição mais poderosa. Os pais controlam a maior parte dos anos críticos na formação dos traços da personalidade, atitudes e valores”. (SABINI, 1988:157). Depois da família, que está em primeiro lugar, vem a instituição mais importante que é a escola.

“Aos educadores resta uma sobrecarga, uma missão sentida no seu esforço diário e dificilmente compreendida pela maioria, que é o fato de que além de ensinar os conteúdos, eles têm que enfrentar todos os desafios que sua autoridade representa”. (SABINI, 1988:159).

A julgar pelas evidências, é lamentável que atualmente a maioria das famílias apresentem profundas fissuras estruturais enfrentando muitos problemas sociais e econômicos que muitas vezes, resultam em desarmonia familiar. O alto índice de desemprego, a falta de diálogo entre pais e filhos, levam ao desespero, brigas e até separação dos pais.

Sobre isto TIBA (2002), afirma:

“As brigas transmitem emoções negativas que ficam registradas na memória vivencial, mesmo que o bebê ainda não esteja amadurecido neurologicamente para ter memória consciente. A criança aprende pelo relacionamento afetivo que o outro ser humano estabelece com ela e também com o que presencia no relacionamento entre os pais.” (TIBA, 2002:82).

A situação econômica da família é um fator que tem influência primordial na vida da criança, brigas constantes dos pais pela falta de dinheiro, alimentação, moradia, etc., tudo mexe com o emocional da criança, que ainda não está preparada para o mundo dos adultos. E com certeza, poucas famílias escapam dessa situação.

Quando se trata de alunos da educação infantil, oriundos de classes menos favorecidas, fruto do sistema capitalista, onde o trabalhador luta pela sobrevivência de sua família, normalmente são crianças que enfrentam problemas sociais como: pais desempregados, fome, miséria, humilhações, rejeição, violência e um ambiente familiar conflituoso, gerador de discussões, brigas, agressões e até separação dos pais. Este contexto hostil afeta diretamente a educação das crianças, deixando-as agressivas e reduzindo a esperança de um mundo melhor.

TIBA, 1998:126 confirma: *“Quando a renda da família caía havia aumento nos problemas de comportamento das crianças, especificamente, ataque de birra e reações explosivas”.*

O autor salienta que a causa era reflexo do comportamento dos pais que passavam por dificuldades financeiras e tornavam-se mais punitivos e as crianças reagiam com hostilidade, birras e expressões de raiva.

Infelizmente, a desigualdade social está constantemente, afetando a sociedade, na qual a família está inserida. Enquanto poucos usufruem seus direitos de cidadãos, garantidos pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).

“A agressividade por parte dos alunos pode ser encarada: como resultado de exposições a certas atitudes e comportamentos em casa, nomeadamente o uso habitual por parte dos pais, que ensinam que agressividade é um modo aceitável de resolução de conflitos”. (ARAÚJO, 2000:01).

Os pais ou responsáveis que agem dessa forma agressiva na educação de seus filhos, estão semeando a violência no lar, que por sua vez, se alastra aos grupos sociais em que estas crianças serão integrantes. A paz, o amor e a esperança, já não fazem parte dos sentimentos dessa geração de crianças, que estão nascendo e vivendo em lares onde a violência continua espreitando.

“Na verdade, essas pessoas sofridas, tornam-se cruéis, e levam seus filhos à delinqüência, pois estão cansados e desanimados da vida que desistem de lutar e se esforçar para fazer o que é certo”. (COOK, 1982:52). As crianças educadas neste ambiente, certamente, serão adultos frustrados e solitários. Com dificuldades de se sociabilizar, se excluem da sociedade.

A criança que convive num ambiente em desarmonia e violento, apresenta um comportamento preocupante, principalmente quando já ingressou na escola, pois se torna introvertida, deprimida e agressiva.

Muitas vezes, tem atitudes estranhas para chamar atenção do professor para a crise emocional e familiar que está enfrentando naquele momento. Esta é a forma que ela encontra para pedir socorro.

Alguns pensadores acreditam que, a violência vem de casa. Se a mãe bate em seu filho, evidentemente, este irá bater em seu colega também. Se o pai bate na mãe e espanca o filho com freqüência, automaticamente a criança quando se deparar com obstáculos, para transpô-los irá se defender, batendo, espancando seu colega, e até chegar ao extremo de matar. Esse é o meio em que ele vive. A perplexidade é tão grande que atinge todas as classes sociais.

De fato, sabe-se que esse é um caso difícil de solucionar, mas não é impossível. Independente se a criança nasce assim ou adquire depois esse grau de agressividade. O que é real, é que essa problemática, tomou conta do país em que se vive e vem amedrontando adultos e crianças. Há violência por todos os lados, já é um problema mundial. O rádio, a televisão, revistas ou jornais, retratam abertamente: violência... violência... violência. É triste admitir essa realidade, mas a marca da agressividade está no íntimo das pessoas.

A agressividade é uma cultura que o ser humano cultiva ao longo de sua história de vida, que envolve a dominação, competitividade e egocentrismo. É uma questão antiga de violência. *“A história do Brasil é, sob certo aspecto, uma história social e política da violência”.* (LUCINDA 2001:19).

Isso lembra as expressões populares nas diferentes regiões do país, e que nesse processo regressivo, não se economizou força, não se pouparam vidas. Os acontecimentos do presente são reflexos do passado. A história da humanidade envolve muitas lutas, derramamento de sangue pelo poder. Hoje a agressividade

entre alunos da educação infantil é um dos problemas que a sociedade enfrenta e é a causa de preocupações constantes entre gestores, educadores, pais de alunos e outras autoridades comprometidas com a educação escolar e o bem estar da população em geral.

Reuniões de pais e mestres são realizadas freqüentemente, com o objetivo de discutir, esclarecer e buscar as causas da agressividade entre alunos, bem como, as possíveis soluções para enfrentar o problema.

Esta atitude já faz parte do processo que se arrasta há anos, pois este é o comportamento que os alunos apresentam e são vivenciados corriqueiramente, nas escolas. É uma reprodução da cultura de violência que ultrapassa os muros da escola. Tudo isso afeta efetivamente a estrutura escolar, cabendo portanto, à instituição buscar alternativas que possam amenizar tais comportamentos.

Constata-se também, que há autores que acreditam que a criança nasce agressiva. Corsini (2000) discorda da afirmação de que agressividade não é algo inato, algo com que a criança já nasce assim, e que também, não é um traço da personalidade. E tem convicção de que a criança é influenciada pelo meio. Afirma ela que antes da criança receber a influência deste meio social, ela é influenciada pela família. E que, somente depois é que ela irá assimilar os valores da sociedade e dos meios de comunicação.

Ela defende a teoria de que a criança é o produto do que aprende.

Outra causa importante que leva a criança a exercitar a agressividade é o reforço, incentivando-a a agir desta maneira.

“Atos agressivos podem ser aprendidos por meio da observação de modelos agressivos e também podem ter efeito de aumentar o comportamento agressivo do observador. Portanto, é de esperar que, em geral, crianças recompensadas por agressões e as que vêem muita agressão nas pessoas que a cercam, tornam-se mais agressivas do que aquelas que têm modelos menos agressivos e que foram menos recompensados por comportamentos agressivos”. (CORSINI, 2000:02).

Portanto, ela conclui seu raciocínio dizendo que:

“Não há tendência inata para a agressividade. Que atos agressivos podem ser aprendidos. E que por isso nunca existirão crianças iguais, cada uma tem sua própria história de vida, cada uma levou diferentes socos da vida, cada uma foi educada em famílias diferentes com valores, idéias e princípios diferentes... Assim sendo, só poderiam ser diferentes”. (CORSINI, 2000:02).

Afirma Traim, (2004:59) ainda, que este comportamento estende-se até a escola, contribuindo assim para um ambiente violento entre alunos da educação infantil. *“A criança é agressiva porque sempre agiu dessa maneira, as pessoas deram atenção, recompensando assim sua agressividade. Se ela receber atenção apenas quando não estiver sendo agressiva, tornar-se-á mais sociável”*. (TRAIM, 2001:17).

Dessa forma a criança é educada conforme o reforço positivo que recebe do meio em que vive. Portanto, é necessário que as pessoas responsáveis saibam orientá-las e apoiá-las no momento adequado.

Vários são os fatores que levam uma criança a ter comportamento agressivo.

“As causas da agressividade entre alunos da educação infantil, são bastante complexas, pois cada aluno faz parte de uma educação familiar diferente. O comportamento agressivo faz parte do estereotipo masculino em nossa cultura; é esperado e muitas vezes encorajado implicitamente nos meninos. Por exemplo, em um estudo, os meninos da pré-escola receberam mais atenção pelas suas ações agressivas do que as meninas, tanto por parte de adultos como pelos companheiros”. (PORTAS 2002).

Realmente, os meninos continuam apresentando um comportamento mais agressivo do que as meninas, e isto é uma questão cultural em nossa sociedade, onde os homens são considerados mais fortes, mas valentes e deve saber se defender e também dar proteção às mulheres, por acreditarem que elas são mais frágeis.

É comum acontecer com pequenos grupos à saída da escola, onde dois meninos discutem e se agredem, oral ou fisicamente e os demais, em volta, reforçam positivamente o comportamento agressivo, incentivando-os a continuarem a briga. Mas, se ao contrário, forem duas meninas que estiverem discutindo, as demais procuram apaziguar a briga, dizendo palavras que reforçam, de maneira negativa o comportamento agressivo, como: parem, é feio meninas brigarem na rua, vamos prá casa, etc...

“A partir do momento em que a criança nasce, passa a sofrer a influência da cultura do seu grupo social, ou seja, recebe uma herança cultural...”.(SABINI, 1988:157). Muito antes de a criança ter consciência de que a cultura social existe, ela já começa a aprender lições dessa cultura e assimilar

hábitos e costumes inerentes a ela. Os valores e pensamentos assumem a forma que têm, porque outros os moldaram de acordo com determinado padrão.

O local de encontro destas crianças que ingressam no processo de socialização é a escola. Onde têm o primeiro contato com o desconhecido e enfrentam o conflito cultural.

“Muitas vezes uma criança fica excessivamente agressiva quando começa a ir para a escola, e pode ser que ela sinta que as tarefas estão muito difíceis ou que há outra criança na classe que representa uma ameaça para ela”. (TRAIM, 2001:38).

A expectativa de uma criança ao ir para a escola é encontrar um ambiente estimulador para a concretização de seus sonhos. Espera que a escola seja uma continuidade de seu lar. Mas, infelizmente, há uma grande diferença e a decepção toma conta de seu emocional, trazendo também o medo e a insegurança. É natural que ela, quando se vê num ambiente desconhecido, sinta-se estranha e agressiva, pois sua reação é defender-se e procurar dominar seu espaço.

“O contato com o ambiente faz com que a criança amplie e modifique os reflexos inatos, bem como, adquira novos esquemas de ação”. (SABINI, 1988:158). Há muitas escolas que não estão preocupadas em conhecer as diferenças culturais de seus alunos, menos ainda, em procurar trabalhar assuntos que estejam inseridos na cultura já conhecida. Sentindo-se deslocado e seus sonhos desmoronados, não mede as conseqüências em ser agressivo com seus próprios colegas. Esse sentimento de revolta se expressa por atos agressivos manifestando sua aversão ao meio que está. *“É o meio que perturba a criança. Ela é provocada pelo ambiente e não pelas suas dificuldades internas. O que lhe falta internamente, é a habilidade em lidar com um ambiente que a deixa com raiva e medo”.* (PORTAS, 2002). A explicação do autor é que a criança não sabe como lidar com os sentimentos que são gerados dentro dela, pelo ambiente hostil que acaba de conhecer. Agride por não saber fazer outra coisa no momento, do que agredir.

O período da infância, quando a criança é mais dependente é que os atos agressivos mais se intensificam. Com a maturidade, o indivíduo adquire controle, tornando-se menos dependente dos outros.

“Precisamos de agressividade para sermos capazes de controlar nosso ambiente, pois é dessa forma que nos tornamos independentes. A agressividade geralmente é maior quando mais próximos estivermos da infância. À medida que envelhecemos adquirimos cada vez mais controle e tornamo-nos cada vez menos

dependentes uns dos outros. Sentimo-nos menos ameaçados e assim é menos provável que tenhamos reações agressivas”. (TRAIM, 2001:34).

O autor esclarece, como a agressividade é um fato marcante na infância, pois neste estágio a dependência é maior. E faz parte do processo de crescimento físico, emocional e intelectual. Cabe ao educador conhecer seus alunos, saber compreendê-los e tratá-los com carinho e atenção.

A cada dia que passa, infelizmente, a agressividade está sendo usada como arma para resolver problemas e deixada de lado a conversa e o diálogo, como se fossem opções ultrapassadas.

Gestores e professores na maioria das vezes, precisam resgatar na criança, a emoção, a afetividade, o respeito e a auto-estima. A escola deve estar bem estruturada para proteger este pequeno ser em crescimento, do emaranhado de dúvidas, sensações angustiantes e a insegurança que o cercam bem de perto.

“A primeira lição a lhe ser ensinada é a do domínio próprio, pois nenhuma pessoa indisciplinada, cabeçuda, pode esperar alcançar êxito neste mundo (...) Ensinai-lhes a praticar a renúncia e o domínio próprio e ceder à tentação à fraqueza: resistir a ela é nobre”. (WHITE, 1975:112).

A desintegração social também é a causa de tanta agressividade. Muitos jovens de hoje, vivem sem compromissos com a família, com a sociedade. Alguns não têm regras, nem limites. Comportam-se como animais selvagens. As crianças que convivem nestes lares, espelham-se nesses jovens, de quem recebem reforços como sinais positivos de postura.

“Esta violência entre jovens, como está acontecendo em nossos dias, segundo teóricos, é fruto de um processo da desintegração de valores, que atingiu nas últimas décadas a família, as instituições, as visões de mundo”.(CHARDELLI, 2000:19). Este problema atinge a todas as camadas sociais, jogando por terra, velhos paradigmas e gerando novas formas de interação entre os homens, tais como: casais em conflitos, filhos desobedientes aos pais, famílias desajustadas e uma sociedade degradada.

A família é o alicerce para o desenvolvimento do comportamento social da criança. A rejeição paterna, permissividade, a não aceitação, a punição física usada freqüentemente, são fatores que determinam a agressividade na criança e pode estender-se até a fase adulta.

“Se os pais são francamente permissivos e aceitam tudo nos primeiros anos, não conseguindo estabelecer limites claros sobre agressividade, as respostas agressivas da criança se tornam fortes e persistentes”.(REBELO, 2003:128)

Os conceitos hoje, das palavras: liberdade e libertinagem estão confusos para muitas famílias. As crianças estão sendo criadas soltas, sem a devida orientação, sem regras, sem controle, sem limites. Crescem num ambiente onde tudo é permitido e estão sempre em conflito. Numa sociedade, na qual, o cidadão deve ter disciplina e deve respeitar as leis existentes nela.

Devido a muitos fatores, inclusive à inversões de valores morais e sociais que infelizmente, a sociedade está enfrentando, como a falta de responsabilidade dos pais que não assumem os filhos que colocam no mundo, ignorando assim, sua existência e necessidades reprimidas por não receberem respeito, amor e atenção devida, que os pais foram incumbidos a fazer, desde a criação da primeira família do mundo.

Outro fator de violência são os meios de comunicação de massa, com destaque para a televisão com a exibição de filmes que mostram a violência “nua e crua”. Crianças inocentes, desavisadas e curiosas assistem. No início se assustam, mas logo acham tudo normal e querem repetir com os colegas as mesmas atitudes vistas nos filmes.

“A violência perpassa as diferentes relações sociais e aparece, de forma explícita nos meios de comunicação de massa, principalmente na mídia televisiva. São várias as propagandas que enfatizam e reproduzem, com veemência, atos de violência e até de barbárie que acontecem freqüentemente nas sociedades em geral. Além disso, a televisão comumente apresenta programas com brincadeiras desrespeitosas em que indivíduos são usados como objeto sarcástico. Até os programas infantis não fogem a essa conotação violenta”. (SILVA, 2000:02).

Os pais, em busca da sobrevivência da família, saem à luta e dedicam-se demasiadamente ao trabalho e com isso ignoram uma assistência familiar mais eficiente, principalmente em acompanhar de perto o crescimento intelectual, como a vida escolar. Desta forma, a autoridade paterna se distancia dos filhos e a televisão, videogames e outras atrações, passam a ser substitutos do diálogo, das informações, do companheirismo, da amizade, das orientações que deveriam receber no dia-a-dia com a presença dos pais.

Nesta brecha, a mídia pede passagem e se instala, impondo a sua força de atração no ambiente familiar, atingindo principalmente o mundo infantil, onde as crianças consomem mais tempo assistindo televisão e jogando videogames cheios de agressividades e violência, do que o tempo dedicado às aulas e às tarefas escolares. Essa “escola paralela” está sempre concorrendo e desafiando os objetivos da instituição escolar, na construção do conhecimento que proporcionará ao educando condições positivas para sua cidadania.

O rendimento escolar tende a diminuir enquanto a televisão transmite programas repletos de violência, atraindo o público infantil e enfraquecendo o vínculo entre pais e filhos, ignorando e rotulando de ultrapassados, os valores que tanto a família, sociedade e escola lutam em preservá-los.

“... A discussão sobre a qualidade das programações preocupa pais, professores e governo, há alguns anos. Além dos atentados à moral e aos bons costumes, a violência é uma constante na programação das emissoras”. (MIRANDA 2002:46).

Lamenta-se que a televisão continua sendo uma força de atração ao ser humano, trazendo prejuízos à sua vida em todos os aspectos. Principalmente, às inocentes crianças.

“Quanto mais tarde a criança se inicia no mundo da TV é melhor. É assustador ver crianças pequenas, de fraldão, tentando imitar o rebolado das dançarinas. Se elas imitam a dança, porque não imitarão a violência?” (TIBA, 2002:175).

O comentário do autor é que certas imagens que entram nos lares afetam o ambiente familiar a princípio com restrições, com o tempo, passam a ser vistos com naturalidade e a fazer parte dos costumes de seus membros.

A realidade é que a TV passou a fazer parte integrante na formação de valores na família, na escola e na sociedade. Deve-se lembrar de que a criança está sedenta por informações, por coisas novas e interessantes. Portanto, cabe aos pais, aos educadores e gestores, responsáveis por instituições que cuidam da educação infantil, escolherem as programações para as crianças assistirem. Devem ficar atentos no controle da TV para que as mesmas não gastem tanto do precioso tempo com esse passatempo sem futuro. A seleção dessa programação é necessária e ao fazê-la deve-se usar o bom senso, pois a maioria desses programas passa para a criança exemplos claros de violência e agressividade e muitas imagens chegam a

requintes de perversidade. Estudos comprovam que o que se vê, contagia e aguça a imaginação. Que dizer do mal que fará às mentes em formação, carentes por informações e novidades.

A grande maioria dos pais são viciados em televisão. É natural que seus filhos também gostem. Há uma lista de bons e ótimos programas. O que se torna necessário, é o controle da televisão. Aliás, tudo na vida deve ter um controle. Precisa ser dosado, pois o exagero é prejudicial.

Voltando às causas da agressividade entre alunos, tem-se a certeza de que a falta de diálogo entre pais e filhos, bem como, entre gestores, professores e alunos, também pode causar comportamentos agressivos. O diálogo é a peça chave para desvendar sentimentos reprimidos. Através de uma conversa franca e sincera com a criança, pode-se descobrir as causas de sua agressividade.

Para que essa conversa seja sincera e franca, deve haver um elo de ligação muito forte entre gestores, professores e alunos e isso se consegue com paciência, perseverança, boa vontade e determinação, pois deve-se conquistar primeiro o coração, com pequenas atenções e gestos de carinho, antes de querer penetrar-lhes a alma em busca de sentimentos guardados e reprimidos que os deixam tristes e agressivos.

Antes de tudo, a criança precisa sentir-se amada, compreendida e valorizada para que os pais, professores e gestores mereçam a confiança de que necessitam para conquistar-lhe o coração.

O que muitas vezes acontece é que o professor nem sequer nota esse aluno em sala de aula, não o vê, não o ouve, não lhe dá atenção, deixando-o à mercê de seus próprios pensamentos. Até que o mesmo lhe chame a atenção, para seus gestos agressivos e palavras grosseiras para os colegas. Como exigir algo desse aluno, se nem um pouco de atenção ele recebe? *“Ninguém dá o que não tem”*. (PORTAS, 2002:01).

“Educai as crianças, e não será preciso punir os homens”. (MONTEIRO LOBATO).

CAPÍTULO III

A CONTRIBUIÇÃO DOS PAIS, GESTORES E PROFESSORES NA MUDANÇA DE POSTURA DE ALUNOS AGRESSIVOS NO AMBIENTE ESCOLAR

Ao se fazer uma retrospectiva pedagógica da função escolar, podemos constatar uma significativa mudança, ocorrida na área educacional na última década.

“Nessa era da informação, para além da importância que as inovações tecnológicas adquirem nas relações de trabalho, nas organizações modernas e na própria educação, nunca em toda a história da humanidade, a qualidade e o trato com o relacionamento foi tão fundamental para o sucesso individual, social e organizacional.” (GUSMÃO, 1998:69).

“A educação das crianças que pela tradição cabia unicamente aos pais, em nossos dias, está sendo dividida com a escola, e por que não dizer, com a sociedade também”. (TIBA, 1998:109).

A cada dia são maiores as evidências científicas de que os primeiros anos de vida são particularmente importantes e decisivos para o progresso da criança e representa, oportunidade significativa para o seu crescimento e desenvolvimento biológico, cognitivo, emocional e social.

“Os valores como solidariedade, humildade, companheirismo, respeito, tolerância são pouco estimulados na prática da convivência social, que seja na família, na escola, no trabalho ou em locais de lazer (...) A inexistência dessas práticas dá lugar ao individualismo, a lei do mais forte, à necessidade de se levar vantagens em tudo, e daí a brutalidade e a intolerância.” (SILVA, 1995:02).

Tanto no lar como na escola, comportamentos agressivos já na tenra infância, são uma realidade incontestável, sendo muitos os motivos que levam essas crianças a optarem pela postura agressiva no lugar do diálogo. Assim sendo, pais e educadores devem unir-se e encarar com responsabilidade o assunto,

buscando sempre, uma mediação que desperte a auto-estima e o desejo de querer mudar essa situação revoltante.

Ao se deparar com uma criança agressiva, em sala de aula, deve-se vê-la como um ser humano que precisa de ajuda, de compreensão e de carinho. Diz um velho ditado popular: “É conversando que se entende”. Como gestores e educadores deve-se ter em mente que conversar com o aluno, não é perder tempo. Essa conversa franca servirá para conhecê-lo melhor e indicará com precisão, quais os alunos que mais precisam de ajuda e de atenção individualizada.

Para o bom educador, o aluno não tem sexo, cor, raça ou classe social. É apenas um ‘ser humano’ indefeso e merece total atenção.

“Independente do quanto o comportamento da criança possa parecer estranho, cabe lembrar que ela não é uma criança de outro planeta. Todos temos as mesmas características essenciais, mas a realidade é que cada um recebe cartas diferentes no jogo da personalidade”. (TRAIM, 2001:24).

Muitas crianças, na educação infantil, são agressivas para mostrar ao gestor, ao professor e aos colegas que as rodeiam que ela está ali também. Fazendo isso, ela se sente parte do grupo, não importando de que maneira isso aconteceu. Fica-se completamente perdido e desconsertado, quando uma criança meiga, feliz, carinhosa e capaz, muda de uma hora para outra, transformando-se totalmente, tornando-se agressiva e violenta. Se no momento reage-se negativamente, mais tarde, virá o arrependimento por ter perdido o controle. Se porém, não for tomada uma atitude, pode-se correr o risco de ser o alvo das suas agressões, bem como, sentir o peso da frustração e da impotência, diante da situação. Todavia, sabe-se de muitos profissionais que têm vivido situações constrangedoras, como essa, sem saber como lidar com elas.

Há necessidade de se fazer algo para ajudar, tanto a criança, quanto o professor. Sobre isso, argumenta Ferreira (2003:14):

“Com a crise da autoridade familiar, a função social educadora passa para os professores, como um currículo oculto (...) Espera-se que o professor ‘eduque’ essa força interior presente em todo o ser humano (...) No entanto, os professores no geral não reconhecem que o ato de educar, também exija agressividade, uma qualidade essencial na hora de agir como mediador de conflitos e de exercer o papel de guia, encontrando maneiras criativas e negociadas, em vez de violentas (...) E sobra só para a escola e os professores um papel que deveria ser repartido com a família e a sociedade”.

O professor precisa estar preparado para atender uma atitude agressiva e entender o que está sendo dito por trás de um gesto agressivo, entender o que ele realmente simboliza. Precisa ouvir o inconsciente. Escutar o que está ali, oculto, que não dá para falar e explicar. É tarefa difícil, mas, sem dúvida alguma, pode ser feita.

Como uma tomada de posição, uma marcação de limites, um gesto de auto-afirmação, uma recusa em aceitar a autoridade. Claro, é uma tarefa difícil para o professor. Depois, ele está ali para educar, está ali numa função pedagógica, corretiva, e precisa usar seu tempo para ensinar.

“Por trás da agressão não existe intenção agressiva”, esse é o recado mais importante que a psicanálise pode dar aos educadores (...) Não vejam no agressor uma intenção agressiva. Ele não está fazendo isso de propósito (...) o “que de fato há, numa situação agressiva, é um comportamento a ser decifrado.” (NOGUEIRA 1986:25).

Claro que as agressões não foram totalmente eliminadas, pois um comportamento de agressão verbal às vezes é mais produtivo. Na verdade, a verbalização não vai eliminar a agressividade como traço daquela criança. Mas vai dar a ela um novo instrumento, uma nova possibilidade de se relacionar. E desse modo damos a oportunidade para a criança poder se expressar.

De acordo com a psicóloga Maria C. Machado:

“O professor deve permitir que as crianças resolvam seus próprios problemas em sala de aula, pois diante da confusão que aprontam, acha-se que é necessário interferir, ajudar, achando que o adulto sabe mais. Não, adulto sabe menos. Adulto já esquece o que é aquilo que as crianças estão vivendo ali, naquele momento. A gente tem medo de largar a solução na mão delas, mas elas sabem lidar melhor com o que está acontecendo. Então, organize duas vezes na semana um ‘fórum de debates’ e deixe a criança falar. Apenas seja o mediador da discussão. A idéia é abrir um espaço onde não existam normas, e as regras, apenas as do debate. O que vai ser dito, seja o que for, não se deve intervir. O agressivo, sem dúvida, vai ouvir muitas reclamações e condenações dos colegas. Mas vai ouvir também coisas importantes e ainda ter um novo instrumento, uma nova probabilidade de se relacionar.” (MACHADO, 1986:27).

Analisando Traim (2004), conclui que o professor deve estar sempre preocupado com o comportamento agressivo de seu aluno, pois a escola deve oferecer base sólida, fortalecimento e reforço para lidar com a diversidade e multiplicidade de comportamento de cada criança.

“Há diversas formas em que a escola pode ajudar a criança agressiva (...) questionar para poder ajudar o aluno a refletir seus atos, ampliar o mundo simbólico da criança, oferecendo atividades diversificadas e simultâneas para que ela possa escolher, escuta-la, valorizando suas

sugestões e idéias, dar limites. Observa-la no cotidiano escolar e escutar o que os pais dela têm a dizer, para entender melhor seu comportamento, eliminar a resposta à agressão com atos violentos, não deixar se acostumar à agressão, sem defender a vítima e conter o agressor; propiciar a reparação, sem forçá-la; demonstrar que as ações falam mais alto que as palavras.” (TRAIM, 2004:47).

Lembrando sempre de que a violência pode ser fruto da desintegração de valores econômico, social, cultural e familiar presentes neste milênio. Portanto, os problemas familiares e escolares que a criança enfrenta ao ingressar na escola, contribuem e muito para que a mesma tenha atitudes agressivas.

É necessária a ajuda sistemática dos pais, professores e gestores educacionais, proporcionando meios eficazes de manifestar seus sentimentos através de atitudes sadias que auxiliam o auto - controle de suas emoções. Salienta-se novamente, a importância da parceria dos pais e da escola para uma educação mais eficiente e produtiva para seus alunos. Sabe-se da dificuldade dessa ocorrência, mas não é impossível.

A situação atual requer atitudes realistas e práticas, junto à comunidade escolar, num esforço conjunto para reverter este quadro assustador, em que a postura agressiva cresce, refletindo o modelo violento de convivência social. E o mais grave, é que em muitas situações observadas, alguns gestores e educadores não se dão conta de que são formadores de bons hábitos e costumes, e se esquivam, ignoram e mascaram a agressão medida pelos safanões, entre alunos, por medo de serem agredidos ou por não se preocuparem com as relações sociais significativas e muito menos construtivas. Isso posto, “*ajuda não só a obscurecer a violência que está no dia-a-dia, no cotidiano escolar, como também a esconder sua verdadeira causa*”. (SILVA, 1995:58).

Educar para a cidadania tem sido preocupação constante e acredita-se que a escola deve apresentar-se como uma das mais importantes instituições sociais, por fazer, assim como outras, as mediações entre o indivíduo e a sociedade. “*Ao transmitir a cultura e com ela, modelos sociais de comportamento e valores morais, a escola permite que a criança humanize-se, cultive-se, socialize-se e eduque-se*”. (BOCK, 1999:261).

Pensando a escola como primeiro ambiente, fora do âmbito familiar, que tanto recebe como coloca a criança na esfera das relações sociais. Faz pensar também, e por isso mesmo, que as primeiras experiências vividas no seu

interior, serão decisivas para a construção do seu modo de se colocar no mundo; nas relações com o outro e a considerar a escola como espaço privilegiado da cultura, frente ao conhecimento e ao ato criativo.

Deve a escola considerar o conjunto de experiências da criança, até adentrar pela primeira vez, os muros da escola, mas não deve perder de vista a sua responsabilidade sobre os acontecimentos que se sucederão ali.

É necessário que os gestores e professores conheçam as necessidades e desejos infantis, a fim de poder guiar o crescimento emocional, intelectual e social de seus alunos; precisam conhecer as teorias da aprendizagem para poder ensinar e anular os maus hábitos do educando; é necessário também conhecê-los com profundidade para poder desenvolver-lhes hábitos sadios e traços de personalidade positivos.

“Torna-se necessário na escola o conhecimento dos hábitos da criança e das condições morais, sociais, culturais e econômicas em que vive. Nas séries iniciais o objetivo do professor deve ser o de descondicar a criança dos seus maus hábitos e de reforçar os bons”. (DORIN, 1978:97).

Reforçando os bons hábitos e as boas atitudes, o professor estará orientando a criança agressiva, a manter os traços positivos da sua personalidade, os quais permitirão um ajustamento melhor ao ambiente.

O desenvolvimento satisfatório das relações da criança com a escola dependerá do ambiente proporcionado pelo gestor e educador. A “palavra” é a ferramenta de trabalho do professor, ela tanto permite esconder, como revelar o ser que ele é. Seus gestos, o tom de voz, a expressão do seu olhar se constituem em sinais importantes pelos quais o aluno assimila conhecimentos, participa e passa a gostar de suas aulas.

A qualidade da relação entre, gestor, professor e aluno, pode trazer conseqüências positivas. Um professor tanto pode estimular, quanto dificultar, ou até mesmo evitar ou anular o desenvolvimento de seus alunos. O professor é responsável pelas relações estabelecidas entre os alunos e sua pessoa. Estará ajudando na construção ou até mesmo, na destruição de vidas. Vale salientar que, nem sempre estas primeiras relações são tão determinantes, mas se essas primeiras experiências forem marcadas por atitudes agressivas entre colegas, será muito difícil superá-las. Então, pode-se deduzir que se a criança é educada num

ambiente acolhedor, calmo, harmonioso e seguro, tudo leva a crer que seu encontro com a realidade da vida o ajudará na sua formação social e profissional. E o gestor escolar tem também, um mérito incontestável nessa questão.

“(...) Estilo ótimo de gestão em ambientes escolares é aquele que combina a preocupação com a produção e a preocupação com as pessoas.” (LÜCK, 2005 : 39)

A escola, enquanto instituição educativa, precisa apresentar uma proposta pedagógica atualizada e baseada na realidade da clientela escolar, aproveitando experiências teóricas e científicas. Para isso é necessário a parceria com a família, primeira e mais significativa instituição educativa, cujo objetivo de ambas é preparar as crianças para a convivência social, que hoje se apresenta diferenciada do passado. Tornando-as ajustáveis, sensíveis, críticas e equilibradas emocionalmente, para enfrentar o dia-a-dia.

Sobre isto, White afirma:

“Começa no tempo da infância a ensinar a obediência (...) Exigi obediência em vossa sala de aula (...) Desde os primeiros anos devem as crianças serem ensinadas a obedecer, a acatar-lhes a palavra e a respeitar a autoridade”. (WHITE, 1975:82).

Ao mesmo tempo, deve-se inculcar na mente do aluno que a educação, a sociedade e o governo são parceiros do seu sucesso. E que existem direitos e deveres tanto para as organizações, quanto para os indivíduos. Devemos trabalhar a problemática da agressão e dos direitos humanos, a partir do processo de comportamento, de troca, de solidariedade e de diálogos. Tratar todos com dignidade, com respeito à divergência, valorizando o que cada um tem de melhor

É de suma importância que a escola promova atividades comunitárias, contando com a participação e o envolvimento dos pais. Procurando trabalhar com palestras em eventos organizados para os pais devendo abordar temas envolventes, interessantes e significativos. Enaltecendo a paz, a solidariedade, o amor, e o companheirismo. Tanto os alunos, quanto os pais sentir-se-ão valorizados e integrados nas atividades da escola, nos eventos em que haja valorização de produtos da comunidade como exposição de artesanatos, debates e depoimentos de alguns participantes, bem como apresentações artísticas e culturais que abordem o tema: Agressão.

De acordo com Lortie...

“Onde quer que haja um forte sentimento de se sentir parte de uma comunidade, observa-se melhoria mensurável nos resultados e comportamentos dos alunos. As experiências observadas em todo mundo, com relação à gestão escolar democrática, sugerem que a essência da abordagem participativa e dos seus conceitos balizadores residem no fato dos gestores de escolas serem profissionais capazes e trabalharem para construir a escola.”(LORTIE, 1975:25)

O gestor escolar deve manter-se em constante busca de entrosamento com os professores, na elaboração de diagnóstico da escola e dos alunos num trabalho preventivo, visando um resultado positivo e verdadeiro. A escola deixa a sua função passiva e passa a exercer a sua função ativa que é com certeza mais eficaz e produtiva.

O professor precisa fazer por seus alunos muito mais do que lhes comunicar conhecimentos tirados dos livros. Sua posição como guia e instrutor de crianças é por demais cheia de responsabilidade, pois lhe é dada a função de educar, fazer evoluir, influenciar positivamente o caráter dos educando e aguçando neles a curiosidade, a dúvida e à conseqüente busca constante de respostas para suas hipóteses. De fato, os que trabalham na educação devem possuir um caráter bem equilibrado.

Assim diz Chalita: *“Não podemos esperar que as novas gerações modifiquem o que está errado se não despertarmos para o fato de que cabe a nós, desde já, dar o exemplo.”* (CHALITA, 2005 : 11)

O professor deve ser aquilo que deseja que seu aluno se torne. Mas não pode, e nem deve atuar sozinho, precisa compartilhar suas dificuldades e anseios com os gestores escolares, mais especificamente, com o coordenador pedagógico que tem a função de ajudar o professor para que a escola atinja seus objetivos e ofereça um ensino de qualidade.

Chalita salienta: *“(...) agressividade, não se combate com agressividade, violência não se combate com violência. (...) muito diferentes disso, os instrumentos sugeridos (...) são a ternura, o afeto e a inteligência”.* (2005:17)

No que se refere ao comportamento, ações e atitudes dos seus alunos, não pode ser diferente. A agressividade é um mal que precisa ser banido e cabe aos gestores escolares a elaboração de planos e propostas de ações que

visem conter os atos de violência no ambiente escolar com carinho, dedicação e a determinação que a causa requer na busca de uma sociedade melhor e mais justa.

CAPÍTULO IV

PESQUISA DE CAMPO – ANÁLISE DOS DADOS

Para melhor fundamentar nosso trabalho, realizamos uma investigação com pais e professores, procurando saber suas opiniões sobre as atitudes agressivas das crianças para conscientizar os pais e professores de sua colaboração para amenizar algumas situações vivenciadas.

Contudo, para expor melhor a realidade na vida escolar foi aplicado um questionário para professores e pais de alunos da educação infantil por se tratar de pesquisa de cunho científico e para atender as exigências desta monografia.

ANÁLISE DOS DADOS

QUESTIONÁRIO DOS PAIS

Na primeira pergunta do questionário dos pais procuramos saber se a família participa de reuniões escolares. Dos seis pais pesquisados, 83% responderam que participam das reuniões e 17% não comparecem às reuniões escolares.

Então considerando este alto índice de participação, podemos perceber que os pais estão preocupados com a educação e aprendizagem dos filhos.

No que se refere à segunda pergunta, os seis pais responderam que a escola já reclamou do comportamento de seu filho, dando um percentual de 100%.

Ainda assim muitos pais acreditam que cabe à escola a educação de seus filhos.

Já a terceira pergunta questiona a forma mais adequada de reclamação de seu filho, dos sujeitos pesquisados, 83% respondeu que a escola envia bilhetes pelo aluno e 17% receberam a visita da professora em casa.

A escola então se importa com os alunos e faz sua parte mas também busca da família no que se refere a ações que possam minimizar as atitudes agressivas.

Na quarta questão, do total de pais entrevistados, 50% responderam que conversam francamente com seu filho e também os castigam desde que sejam merecedores. Os outros 50% responderam que realizam as três alternativas: conversa franca, castigo e surra.

Percebe-se também que os pais se preocupam com os filhos apesar de esperar que a escola se manifeste.

Na quinta questão do total de pais entrevistados, 67% respondeu que a mãe auxilia na tarefa escolar de seu filho e 33% o pai e a mãe juntos.

Assim percebemos que a mãe está mais envolvida na educação de seu filho e o pai mais ausente, porém não totalmente.

Na sexta questão onde se refere sobre as tarefas escolares, 67% dos pais responderam que os filhos fazem a tarefa escolar e 33% que seus filhos não fazem a tarefa.

Podemos perceber que a maioria das crianças faz as tarefas, e isso é um ponto positivo.

Já na sétima questão, 83% responderam que elogiam seus filhos nas tarefas escolares e 17% às vezes costumam elogiar seus filhos.

Neste caso, apesar do comportamento agressivo do filho, os pais costumam elogiá-lo quando cumpre com suas tarefas, para que haja uma mudança no seu comportamento.

Para melhor entendimento as respostas da oitava questão foram resumidas em frases chaves, considerando o sentido das mesmas, onde 67% responderam que:

- "acham necessária a visita escolar";
- "33% não tem tempo para saber sobre o comportamento e a aprendizagem de seus filhos".

Percebe-se que a maioria está preocupada com a vida escolar do filho, enquanto a minoria não dispõe de tempo para acompanhar a vida escolar de seu filho.

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

Nas situações vivenciadas pelos professores, a primeira pergunta foi respondida pelos professores com palavras chaves um total de 100%, onde falaram que chutes, pontapés, puxões de cabelos, mordidas, palavrões, são situações mais constantes em sala de aula.

Podemos constatar a real agressividade das crianças já na educação infantil. É um caso a se pensar e junto com a família buscar soluções para esse fato tão assustador.

Tendo em vista a segunda pergunta, onde as respostas são reunidas em frases chaves, 100% dos professores responderam que hoje as atitudes hostis estão mais freqüentes em sala de aula do que antigamente.

O fato das respostas serem unânimes quanto à agressividade de crianças na educação infantil denota uma desestrutura familiar, ausência de diálogo da figura materna ou paterna no lar.

Considerando a terceira questão onde 82% responderam que a estrutura familiar e o diálogo entre pais e filhos são responsáveis por esta realidade mostrada na pesquisa e 18% responderam que é a TV, com seus programas

incitando lutas, brigas, desenhos mirabolantes ajudaram para a agressividade das crianças em sala de aula.

Esta resposta, a nosso ver funciona como uma fuga da responsabilidade de selecionar programas educativos para as crianças, pois a TV não tem autocomando, o controle remoto está nas mãos dos pais. Cabe a eles colocar essa educação em seu filho.

Analisando as respostas dos professores referentes à quarta questão, que foi reunida frases-chave, 73% dos professores argumentaram que primeiro tinham uma conversa franca com o aluno, e em seguida uma conversa com os pais. Enquanto os outros 27% repassavam os problemas para o psicólogo da escola.

Neste caso entendemos que o professor não tem que resolver o problema da agressividade do aluno de forma coativa mas, pode criar situações pedagógicas colocando em foco o tema agressividade e gradativamente ir trabalhando com a turma. No entanto, é de fundamental importância que tenha domínio e controle sobre a turma e exercer sua autoridade na sala de aula controlando o pequeno agressor. Se não conseguir tomar providências cabíveis.

Na resposta cinco, o SIM foi categórico. A violência na escola tem sido discutida em reuniões com os pais.

Isto, corrobora o que acontece hoje em nosso país pois sabemos que no Brasil inteiro há pessoas violentas nos ambientes escolares. Porém o que assusta é que cada vez mais cedo a violência chega às escolas até nas de educação infantil.

Segundo as respostas da sexta questão, que foi respondida com frases abertas, 82% responderam que:

- O diálogo com os pais e palestra constante é a maneira mais propícia de se resolver o problema;

- Enquanto os 18% responderam que a união e um princípio religioso ajudaria nessas atitudes agressivas.

Há que se refletir mais atentamente sobre o papel da família e sociedade. Quem são os pais? Como são? Que formação têm? Essas questões e

muitas outras seriam o ponto de partida para se compreender o porque de tanta violência e agressividade que as crianças dessa idade carregam para a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola deve educar de uma maneira universalizada, com seriedade, preparando crianças para o compromisso com a sociedade e vice-versa. Assim fazendo, estará defendendo uma escola viva, ativa, transformadora e ética.

Esta preocupação sempre esteve presente e muito próxima, na longa caminhada estudantil, desde os tempos do ensino médio, ensino superior e acentuou-se durante a pós graduação ao se questionar a educação infantil. Ao se fazer uma reflexão sobre a escola que se tem e a escola que se quer, fica evidente que a escola não está satisfazendo à sua clientela infantil, não apenas em relação aos aspectos pedagógicos, diante das elevadas taxas de evasão, mas também, no verdadeiro papel de formadora de cidadãos conscientes.

E ainda tende a preparar indivíduos para uma sociedade, onde as leis existem, mas na maioria das vezes, não são cumpridas. E quando o próprio Estado viola os direitos dos seus cidadãos, e a população fica sem direção para reivindicar seus direitos. As crianças, oriundas desta sociedade, chegam à escola assustados, rebeldes e agressivos.

Esse foi o motivo de se investigar e identificar algumas falhas nas instituições mais próximas e diretamente responsáveis pela educação das crianças como a família e a escola. No entanto, chegou-se à conclusão de que estas células sociais, também são vítimas do macro sistema, onde impera a lei do mais forte.

O tema: O GESTOR EDUCACIONAL E AGRESSIVIDADE INFANTIL NO AMBIENTE ESCOLAR, foi escolhido com o intuito de se engajar no combate à violência, desvendando suas causas, suas origens e não medindo esforços na busca de soluções.

Para isso, sugere-se à escola a realização de atividades lúdicas também no intervalo das aulas, organizadas de forma intencional com objetivos voltados para a diminuição de comportamentos agressivos, suscitando nas crianças a formação de valores, o respeito às regras e o entendimento dos limites, sem descuidar, no entanto, da orientação aos pais, que via de regra, também não têm clareza de seu verdadeiro papel de educadores, bem mais significativos para a formação do caráter das crianças.

Os gestores escolares devem agir sabiamente, ao entenderem que a escola não pode assistir de braços cruzados, crianças sendo criticadas e condenadas pelas suas atitudes agressivas com colegas, professores e consigo mesmas.

Muitas foram as pesquisas realizadas. Livros, compêndios, revistas, apostilas e outros artigos de autores renomados, cujas citações, evidenciam a controvérsia sobre as causas prováveis da postura agressiva de alunos da educação infantil.

Ao ler, pesquisar, estudar, comparar e preparar o presente ensaio, chega-se a conclusão de que não importa, qual a causa desse comportamento agressivo, o que realmente importa é o tratamento diferenciado e efetivo que gestores, professores e pais, devem dispensar às referidas crianças, carentes de afeto, carinho e atenção, num trabalho conjunto e sistemático.

Objetivando conquistar a atenção e promover a integração do aluno que apresenta postura agressiva, deve o professor conscientizar-se de que é de sua responsabilidade, procurar resgatar a confiança desse ser indefeso, sendo na medida do possível, afetuoso, amável, paciente e sociável.

Não será tarefa fácil, erradicar a agressão infantil no ambiente escolar. É preciso democratizar a escola, mudar algumas práticas de ensino e principalmente, valorizar o aluno, estimulando e favorecendo a participação dele nas atividades sociais e culturais da escola.

Cientes de que a gestão escolar consiste na tomada de decisões e na organização das ações, planos e projetos que visem a integração e o bem estar de sua clientela e que a prática se desenvolve em equipe com o envolvimento direto dos professores, pais e alunos.

Espera-se que cada profissional comprometido com a educação e que tenha acesso à leitura e reflexão desta monografia, sinta de perto a necessidade da busca de novos caminhos, reais e práticos para lidarem com essas pequenas e frágeis crianças que merecem uma atenção especial.

Esta é a mensagem para um país cujo futuro pertence às crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ABERASTURY, A ; KNOBEL, Marilete. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**. Unesco. Brasília: Pitágoras, 2003.

ANTUNES, João Carlos. **A violência na escola**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ARAÚJO, Fernanda Emília Ribeiro Alves. **A violência nas escolas**. On line: P. 01 e 02. WWW.FNUAD. 2000. Org.estrut/serv/arquivos/pg htm47. Acesso maio 2006.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOCK, Ana Mercês e outros. **Uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CAMPOS, Maurício Tadeu. **A violência na comunidade escolar**. Desafios para a escola cidadã. São Paulo: Espaço do Autor, 2004.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do Amor**. Era uma vez... 8. ed. São Paulo: Gente, 2005.

CHARDELLI, Rita de Cássia Rocha Soares. **Violência / baixa auto-estima** – Eis a questão. On line. P. 01 e 02 ID 77. [www. Escolajoãoemnia.com.Br/divulgação. Htm](http://www.Escolajoãoemnia.com.Br/divulgação.Htm) – 13k divulgado periódico composto. junho 2000. Acesso em 01, nov. 2007.

COOK, Barbosa. **Como criar filhos felizes e obedientes**. 2. ed. Belo Horizonte: Betânia, 1982.

CORSINI, Cristina Felipe. **É agressivo ou está agressivo?** Eis a questão!. Saúde e Vida. On line: P 01 a 03. 2000. [www. Iner.gov.br](http://www.Iner.gov.br). Acesso em 09, jul. 2007.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes e professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante. 2003.

DÓRIA, Madre Cristina Sodré. **Educando nossos filhos**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1962.

DORIN, Lannay. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: Brasil, 1978 e 1981. (Coleção Psicologia Dorin).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. 4. ed. Brasília: FNDE/PNLD. Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Margarida, In: Revista Nova Escola. Nov. 2003.

FESHBACH, 1970 apud MUSSEN et al 2001. **Desenvolvimento e personalidade da criança**. Tradução: Maria Lúcia G. Leite Rosa. São Paulo: Harbra, 2001.

FRANCO. In: Revista “O Reformador”. Mar.2000.

GUSMÃO, Marco Antonio. apud ROGERS. **Educar é tornar-lhe melhor**. Apostila. 1998.

KNOBEL, Marilete. **Agressão**: aspectos psicanalíticos. Boletim de Psicologia de São Paulo, 1988.

LORTIE, D. **School teacher**. Chicago II: University of Chicago Press, 1975.

LUCINDA, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Maria das Graças; CANDAU, Vera Maria. **Escola e violência**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUCK, Heloisa e outros. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar**. 3. ed. Petrópolis: Vozes. 2005.

MACHADO, Maria, In: Revista Nova Escola. JULHO/1986.

MIRANDA, Soares, In: Revista Espaço. Maio/2002.

NOGUEIRA , In: Revista Nova Escola. Julho/1986.

OAKLANDER, Violet. **Descobrimos crianças**. São Paulo: Summus, 1980.

PORTAS, Paula. **A violência na escola**. Brasília: Pitágoras, 2002.

REBELO, Rosana Aparecida Argento. **Indisciplina escolar: causas e sujeitos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SABINI, Maria Aparecida Cória. **Fundamentos da Psicologia educacional**. Livro do professor. São Paulo: Ática, 1988.

SENGE, Peter. **A quinta disciplina: Arte, teoria e prática da organização de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Best Seller, 1995:

SILVA, Aida Maria Monteiro. **A violência na escola**. A percepção dos alunos e professores. 1995. HTML, P. 01 e 02. 2000. 05/07/2007 às 13:19:45.

SOMETTI, José. **Salvar a criança**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira (CASA), 1995.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo**. 20. ed. São Paulo: Gente, 1998.

_____. **Saiba mais sobre maconha e jovens:** um guia para leigos e interessados no assunto. 4. ed. São Paulo: Ágora, 1998.

_____. **Quem ama educa.** São Paulo: Gente, 2002. (Coleção Integração Relacional).

TRAIM, Alan. **Ajudando a criança agressiva.** 3. ed. São Paulo: Papyrus. 2001. (Série Educação Especial).

TRAIM, Alan, In: Revista do Professor. Jan. 2004.

VIGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes 1989.

WHITE, Ellen Gold. **Pais e filhos.** São Paulo: Casa Publicadora Brasileira(CASA), 1975: 38

ANEXOS

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIOS
QUESTIONÁRIO DE PESQUISA PARA OS PAIS

Sexo: ()M ()F

Idade: _____

01 – Pai e mãe participam das reuniões na escola?

02 – A escola já reclamou do comportamento de seus filhos?

() Sim () Não

03 – Se reclamou, de que maneira? () Visitou sua casa () Mandou bilhete

04 – Qual o procedimento mais usado para corrigir as más atitudes de seu filho?

() Conversa franca () Castigo () Surra

05 – Quem executa essa tarefa?

() O pai ou mãe () Só o pai () Só a mãe () Irmãos

06 – Seus filhos fazem as tarefas escolares em casa? () Sim () Não

07 – Os pais costumam elogiar os filhos quando cumprem satisfatoriamente suas tarefas?

() Sim () Não () Às vezes () Nunca

08 – Sentem necessidade de ir à escola sem convite, para saber como está o comportamento ou a aprendizagem de seus filhos?

09 – Tem alguma pergunta a fazer?

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA PARA OS PROFESSORES

Sexo: ()M ()F

Idade: _____

01 – Professor(a), você tem vivenciado situações agressivas de alunos no cotidiano escolar? Se a resposta for sim, declare algumas delas:

02 – Tendo em vista sua experiência no magistério, você acha que as atitudes hostis dos alunos são mais freqüentes nos dias de hoje?

03 – Na sua opinião, quais as causas que explicam esta realidade?

04 – Como você lida com as situações de agressividade na escola?

05 – É um tema levantado e discutido nas reuniões pedagógicas?

() Sim () Não

06 – Quais as ações e práticas pedagógicas que você, como educadora, propõe para minimizar e inibir atitudes agressivas de alunos na educação infantil?

ANEXO 2 - MENSAGEM

MENSAGEM

